



REDACTOR PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da União Operária Nacional  
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração — Calçada do Cambro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
End. telegr. Tathaba — Lisboa • Telefone: 1  
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Parlamentarismo e Sindicalismo

Agora, que o Parlamento está a fechar o que os ilustres pais da pátria se dispõem a debandar para sítios onde a temperatura e as mósas os incomodem menos, regenta a gente aos seus botões que de útil fizeram para a comunidade tão egrogias criaturas durante o tempo em que se manteve aberta a barraca de S. Bento. Os próprios apregoam a quem quer ouvir que se não fez nada útil nesta sessão legislativa; mas, é claro, cada partido sacode a água do seu capote e atribui as causas de tal improdutividade aos adversários políticos, que impedem que alguma coisa se faça com o seu espírito chicanesco e destrucionista.

Nós, que olhamos do fora os acontecimentos e que, não tendo nada assente em qualquer partido político, podemos apreciá-los com absoluta imparcialidade, asseveramos que, desta vez, todos teem razão. O espírito de chicana não na verdade apanágio deste ou daquele partido. Vai a gente por fora até S. Bento e volta de lá isolado.

Nunca na verdade se viu tamanha incompetência colectiva aliada a um tal espírito de desorientação, a um tam grande desconhecimento das responsabilidades.

Verdade seja que o parlamento nunca foi uma coisa muito diferente daquilo que ali está. Mesmo fora, em países onde a eleição faz mais conscienciosamente e onde se não faz deputado o primeiro revolucionário civil encarado que os acausos duma revolução triunfante fizeram subir à tona a água... política, mesmo lá fora, diziamos nós, toda a gente de bom senso se vai apercebendo desse espírito de incompetência que caracteriza a instituição parlamentar. Não se trata de um defeito acidental, mais ou menos corrigível do futuro por uma cautelosa escolha de representantes.

Trata-se, pelo contrário, de um defeito de origem, inerente à própria estrutura da instituição. É natural que uma assembleia de professores tenha competência para discutir questões de ordem pedagógica, como é lógico que uma corporação de tipógrafos esteja à altura de discutir, com conhecimento de causa, os assuntos da sua profissão. Mas, como admitir que uma assembleia heterogênea, como não pode deixar de ser um parlamento, tenha competência para se pronunciar e resolver sobre todos os assuntos que à vida social do povo dizem respeito?

Há as comissões, encarregadas de dar parecer sobre os assuntos da sua especialidade, e essas formadas por homens competentes? Admitamos que é realmente assim — apesar do sabermos perfeitamente que o não é, sobretudo neste nosso parlamento de pobres diásporas, apenas alfabetos. Mas suporíamos nós de que as resoluções seriam tomadas pelos mais competentes? As comissões dão um parecer, que vem à câmara e aí se vota. Não há aí qualquer coisa de novo. Não há aí qualquer coisa de novo. Não há aí qualquer coisa de novo. Não há aí qualquer coisa de novo. Não há aí qualquer coisa de novo. Não há aí qualquer coisa de novo. Não há aí qualquer coisa de novo. Não há aí qualquer coisa de novo. Não há aí qualquer coisa de novo. Não há aí qualquer coisa de novo. Não há aí qualquer coisa de nova.

Uma nova organização chama-se o Sindicalismo.

### Na Hungria

#### Excesso de zelo?

Segundo se depreende do telegrama que abaixo transcrevemos, parece que a Santa Aliança já não está muito satisfeita com a Roménia, país em que ela delegou o simpático encargo de esmagar a República social húngara, certamente no intuito de efectivar o preceito de mestre Wilson segundo o qual deve governar-se a cada povo o direito de se governar por si mesmo e, portanto, de escolher o regime político que mais lhe aprouver.

Paris, 26. — O conselho supremo dos aliados dirigiu uma nota à Roménia, intimando-a: «sob pena das mais sérias consequências» a cessar imediatamente as requisições que esgotam a Hungria e são contrárias às promessas formais que ela recentemente fez. — H.

Ou não fosse a Roménia o «o» polícia da Europa no Oriente? Como qualquer autêntico polícia ocidental, exorbita das ordens dadas e não tendo talvez muita confiança em que os patrões lhe paguem o recado, trata de se pagar já por suas próprias mãos, mobilizando a grande tudo quanto a bolevista Hungria lhe possa proporcionar dos seus produtos.

### Em Berlim

É proibida a publicação de mais jornais e revistas

Berlin, 27. — Foi proibida a publicação de novos jornais, quer diários quer revistas periódicas, visto que Berlim está inundada de periódicos imoriais e de publicações cujo fim é promover a excitação.

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Evolução

Efectuaram-se há dias, na Bulgária, as eleições parlamentares. Vai daí, quem ganhou foram os avançados. A notícia lemo-la nós na imprensa burguesa e caso seria este para a pormos de canja, se não fora a circunstância de nos levar ela a conclusões perfeitamente antiburguesas. As quais conclusões são as de que o mundo avança realmente. Em linguagem política pode dizer-se que avança para a esquerda. Os ideais de liberdade não estão nem à esquerda nem à direita, mas estejam lá onde estiverem é para eles que o mundo avança. O certo é que foram os partidos da esquerda que ganharam as eleições em Sofia. Os agrários tinham 48 deputados e ficaram desta feita com 85. Os socialistas viram passar para 39 o número dos seus representantes, que eram apenas 11. Os comunistas ficaram com 47, em substituição dos 10 que haviam atingido. Um progresso eleitoral nunca foi coisa de extraordinária valia. Mas sempre é um sintoma, vamos lá.

### Expropriação

Há na Andaluzia, como havia na Rússia, na Hungria, e como pode dizer-se que há em todos os países, um importante problema carecendo de solução imediata. É o problema agrário. Nasce do facto de serem grandes extensões de terreno aproveitável propriedade de uns poucos que as não cultivam nem exploram, daí derivando a miséria e a diminuição das populações rurais, escassas na produção agrícola, empobrecimento gradual das nações, etc. O remédio é a expropriação pura e simples. Pode parecer violenta a solução, mas é a única profícua. Foi sempre este o parecer dos partidos socialistas e é essa também a opinião do sr. Pascual Carrion, que, tratando no *El Sol* do problema agrário da Andaluzia, escreve:

«Aquele que possui terras susceptíveis de exploração agrícola, e não as cultiva, priva a população em geral dos produtos que nelas poderiam obter-se, e priva os trabalhadores em particular de uma parte do solo, onde estes poderiam empregar a sua actividade e ganhar meios de vida.»

«O Estado, como representante da colectividade, tem, pois, o dever de expropriar estes terrenos e proporcionar aos trabalhadores agrícolas, assim terminando com o «deplorável espectáculo a que hoje assistimos, de encontrarmos muitos homens parados, vivendo miseravelmente, ao lado de terras que requerem braços que as cultivem, e numa ocasião em que a sociedade necessita de grande quantidade de produtos agrícolas.»

«Estas expropriações nada teem de arbitrarias; a terra, desprovida de benéficas, é um dom natural, não é fruto do trabalho humano, e, portanto, todos teem igual direito a possuí-la. Nenhum homem, em particular, pode alegar sobre ela mais direitos que qualquer outro, como não poderia alegar para apropriar-se do mar, da atmosfera ou de outro elemento natural. O Estado, como representante da colectividade, tem pois pleno direito, em qualquer ocasião, a tomar posse do que é herança de todos.»

Assim escreve o sr. Carrion, no pacatíssimo *El Sol*. E está nestas linhas, afinal, a apologia dos fundamentos essenciais do bolchevismo. Mas, como não vinha lá a palavra-papio, mestre burgues leu e não teria dado por ela...

### Dentadas

As mordeduras da vitória a modos que são perigosíssimas. Mas as dentadas de jesuita são ainda piores, no que respeita a veneno. Porque o jesuita morde enquanto vive. É já lugar comum compará-lo com o sapo, mas a comparação carece de justiça. O sapo não é tam repugnante e ainda presta serviços à agricultura. O jesuita não é útil a ninguém. Morde. Felizmente que esta raça de reptis já não tem dentes. Partilhas a Verdade e a honestidade. De maneira que, hoje, a mordedura do jesuita não causa dor, inspira nojo, apenas, um asco invencível às pessoas honestas. Veem estas divagações a propósito das desesperadas tentativas que ontem fazia *A Epoca*, o órgão da jesuitada, para morder-nos. Não conseguem nada, os rastejantes empenhados. Falta-lhes o melhor. E lá terão de ficar na toca, masturbando-se de impotência raivosa, lambusados na própria peçonha.

## Aos operários da Construção Civil

A vossa Federação vem lembrar mais uma vez que é preciso prestar a solidariedade material aos camaradas ferroviários, em luta contra a tirania do governo e da Companhia, há já dois meses.

Para que estes camaradas saiam vitoriosos das suas reclamações, devemos auxiliá-los, tirando quetes em todas as obras e oficinas, que deverão ser entregues nesta Federação, das 20 horas em diante.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Vivam os ferroviários!  
A Federação.

## A U. S. O. ao povo trabalhador

### Auxiliemos os ferroviários!

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa lembra a todas as classes proletárias que os operários ferroviários continuam em luta com o Estado e a Companhia, que por todas as formas os procuram esmagar. Necessário é, pois, que hoje, sábado, os trabalhadores conscientes abram quetes em todos os locais de trabalho, destinadas aos ferroviários, que há perto de dois meses valorosamente lutam com os seus inimigos.

Hoje, das 14 às 22 horas, encontra-se na sede da U. S. O. quem receba os donativos.

União dos Sindicatos Operários

## Socialismo cor de laranja

### A Conferência de Lucerna

Já é um pouco tarde para falar da conferência realizada em Lucerna, na segunda semana de Agosto, pela chamada Segunda Internacional Socialista, a tal que faliu durante a guerra.

Valerá realmente a pena gastar cera com tam ruim defunto — um defunto que alguns socialistas mais ou menos avermelhados tentam ainda galvanizar?

O caso é que essas cándidas pessoas não conseguem senão misturar um pouco de zarcão com o ocre da maioria social-patriótica, dando um alarajado muito dubio e a puxar muito para o amarelo.

Em todo o caso, a leitura dos jornais recentemente chegados é instrutiva a tal respeito e pena é que não possamos, ainda assim, desperdiçar algum espaço, ao menos para mostrar mais uma vez como o socialismo, perdido nos meandros suspeitos da política burguesa e exposto ao ar melfico do plantano parlamentar, conseguiu perder assim tam completamente as suas bonitas cores de saúde, a sua cor natural, e amarelecer no seu deffinhamento de físico.

De socialismo, nada resta. A's vezes, nos documentos, programas, moções, nem sequer a palavra. Mas, quando questões da actualidade são encaradas com espírito reaccionário e mesquinho, obtendo por muito favor umas resoluções anfibias, resultado inglório dos esforços dos mais avermelhados, os quais consentem em acovelar-se com os elementos mais tarados e corruptos dum pseudo-socialismo de contra-revolução.

Em vão os representantes da nova maioria socialista francesa nos tentam fazer crer, no *Populaire*, que os elementos mais revolucionários deram, na conferência de Lucerna, mais um passo para a «unidade à esquerda» e para o regresso aos verdadeiros princípios socialistas, graças ao bom entendimento entre os actuais maioritários franceses, os independentes alemães e os socialistas austríacos, contra os Scheideemann e Vandervelde, os Brouckere, os Renaudel. Estes, do seu lado, cantam vitória, e sentem-se afinal que são eles quem tem razão.

O único modo de os reduzir à impotência seria deixá-los entregues às suas próprias forças dentro do seu sepulchro caído da Segunda Internacional, a serviço da burguesia, sem prestígio nem eco entre as massas.

É esta aliás a opinião e o esforço duma minoria cada vez mais forte dentro do socialismo francês, e foi esta a decisão já aplicada por vários partidos socialistas, como o suíço e o italiano.

O órgão central deste último, o *Avanti!*, diz precisamente a propósito desta conferência do socialismo alarajado: «A segunda Internacional é já um organismo demasiado comprometido para que nos possa dar garantias sérias de querer proceder em defesa dos verdadeiros e substanciais interesses do proletariado. Nela se acovelam constrangidos homens que sempre negaram com recitório os créditos de guerra, como Mac Donald, com homens que não são os votaram, como Longuet, mas que até assumiram a responsabilidade do poder, como Thomas, Vandervelde, Henderson, Canepa; homens que afirmaram que todo o direito, a liberdade, a justiça e a civilização estavam da parte dos Aliados, como Hyndman e Guesde, com homens que afirmaram estarem todas essas coisas da parte dos impérios centrais, como David, Scheideemann e Ebert. Lá se acham unidos por uma disciplina puramente formal, já sem nenhum vínculo idealista, os perseguidores de Liebknecht e Rosa Luxemburgo, os responsáveis morais pelo seu assassinato, aos que dos dois mártires foram apologistas, seja embora por mesquinho interesse nacionalista. A segunda Internacional representa, pois, agora a inconsistência política, o oportunismo e o equívoco. Já não tem carácter, nem estampa dorsal. Canepa está lá dentro por um revolucionário. Vercelloni é lá dentro de coerência e de socialismo!»

Não. O nosso lugar é alhures. É ao lado dos que lutam pela revolução proletária. São eles que mantêm alçado o pendão da luta de classe, que continuam a verdadeira tradição socialista, que aproximam o proletariado da conquista do poder, que não é a conquista de sinecuras parlamentares. Com eles está a revolução. Ah! com certeza, a revolução não é coisa tam cómoda como os triunfos ministeriais; mas é que o socialismo não consiste na fácil ascensão aos cargos da burguesia. É a rude, forte, fatigante, áspera conquista feita pelo proletariado para o proletariado.

Muito bem. Mas entrem lá esse cadáver putrefacto da Segunda Internacional, porque a pestilência é já insuportável! Ou mandem-no de presente à burguesia, definitivamente!

### Assalariados do Estado

Reuniram ontem os delegados dos sindicatos aderentes à União dos Assalariados do Estado para apreciar o que se está passando na Manutenção Militar, Casa da Moeda, Hospitais Civis e Imprensa Nacional, onde teem sido despedidos e suspensos alguns camaradas, tam injustamente que o facto toca as raízas da inconsciência de quem ordenou tais iniquidades.

Nessa reunião foi aprovada por unanimidade a seguinte moção:

Considerando que a dentro de alguns estabelecimentos do Estado os respectivos directores teem exercido violências sobre o pessoal que nos mesmos trabalham;

Considerando mais que tais violências se podem amanhã reflectir nos outros estabelecimentos;

Considerando ainda que é um dever de todos os funcionários e assalariados do Estado reagir para que tais casos não continuem a subsistir;

Os delegados presentes resolvem:

1.º Fazer a publicação de um manifesto convidando todos os funcionários e assalariados do Estado a reunir em assembleia magna;

2.º Levantar a prática essa reunião no próximo domingo 7 de Setembro, onde serão apreciados todos os casos passados naquelles estabelecimentos;

3.º Convidar a assistir a essa reunião representantes da U. O. N., U. S. O. e dos jornais *A Batalha* e *Combate*.

Trabalhadores: Auxiliai os ferroviários!

A Federação.

## EM VOLTA DUM PROJECTO DE LEI

## SINDICALIZAÇÃO OBRIGATÓRIA

«E no entanto, o seguro, com as correlativas bolsas de trabalho, não passa duma panaceia caritativa, destinada a esconder o verdadeiro fundo da questão, que urge pôr a descoberto.»

Deixemos o artigo 4.º, que consigna o direito aos sindicatos de revogarem os mandatos dos delegados que hajam de ser nomeados para quaisquer actos oficiais, o que, de resto, apenas vem confirmar uma decisão ministerial relativa às Bolsas do Trabalho, que os sindicatos reclamaram.

Os artigos 5.º e 6.º, relativos à instituição de escolas de ensino profissional, elemental e superior, a cargo das Unões e Federações, subvencionadas e fiscalizadas pelo Estado, são os únicos, pelos princípios que consignam, que merecem a nossa simpatia.

Na verdade, Portugal é em tudo analfabeto, graças à falta de iniciativas úteis e perduráveis, por parte dos detentores da riqueza, e dos dominantes. É a regra geral.

Férteis em expedientes políticos, predominando sempre a ambição do mando com as concomitantes sinecuras, os governantes de todos os tempos já mais cuidaram a sério da instrução, a principal pela primária. Por sua vez, o industrialismo já mais pensou noutra coisa que não fosse enriquecer o mais possível, no menor período possível, à custa de muito latrocínio.

Assim se mantém o analfabetismo, sem tendências a decrescer. E como não ser assim, se ao Estado convém a ignorância das massas? Se a própria burguesia se conserva atada, rotineira, sem iniciativas, mesmo em seu próprio benefício?

Se assim não acontecesse, se o industrialismo, em Portugal, se abalancasse ao desenvolvimento das indústrias já existentes, pelo seu constante aperfeiçoamento técnico, à criação e desenvolvimento científico de novas indústrias, seria ele o primeiro a influir junto do Estado para que as escolas preconizadas no projecto de lei fôsem de há muito um facto.

Assim, sendo o Estado, qualquer que seja a sua fórmula, essencialmente conservador, não esperamos d'ele qualquer auxílio para escolas que os organismos operários hajam de estabelecer, além de que preferimos a não ingerência do Estado em qualquer instituição adentro ou a cargo dos organismos sindicais, posto que não queremos voluntariamente alienar a nossa liberdade individual nem a dos organismos de que fazemos parte.

A mesma opinião não temos quanto ao art. 7.º, que diz: «As Federações regionais organizarão caixas de seguro para o desemprego, a subvencionadas pelo Estado e pelos municípios, e bolsas de trabalho, cuja direcção poderá ser mixta de patrões e operários.»

Nada! Lá isso é que não! A coisa apresentada assim, tam nua e simples, cheira a mel, que parece doce por vir envenenado.

Nada! Lá fora, onde as reformas estatais teem sido oferecidas com alguma abundância, já mais se fez oferecimento tam tentador. Para as Caixas de Reforma de trabalho, como em França, por exemplo, contribuíam os operários, os patrões e o Estado, e, por sinal, por forma que, sem os patrões serem prejudicados, eram tais caixas uma mina para o Estado, pois as cotas que nelas entravam anualmente lhe serviam à manilha para o seu negócio, podendo os operários receber a reforma por cotas, depois de 65 anos, ou fôsem quando a morte estivesse prestes a arrebatá-los, se antes não tivessem já falecido e nesse caso sem beneficiarem da reforma para a qual haveriam contribuído.

Mas a mirífica caixa de seguro no desemprego do dr. Camoegas ultrapassa tudo quanto a antiga musa canta. É apenas subvencionada pelo Estado e pelos municípios.

Quando, mais tarde, fôsse regulamentada, ver-se-ia porque forma o seguro seria aplicado. Mas isso não diz ele; de contrário achar-se-ia já o seu efeito — nulo, mas capcioso.

O mesmo se poderá dizer quanto às bolsas de trabalho, que veem à mistura, administradas por patrões e operários. Em França, as bolsas de trabalho eram apenas subvencionadas pelos municípios, mas administradas pelos operários unicamente. Não havia misturas destes com os patrões. Não obstante, as bolsas tiveram que romper com os municípios e desprezar a subvenção para não estarem sujeitas à tutela camarária.

Que aconteceria se, além das subvenções tutelares e deprimidas, tais caixas e bolsas fôsem administradas por patrões e operários?

Pois não é certo que as relações entre patrões e operários são cada vez mais tensas?

Como não há de ser assim, se os patrões são dia a dia mais ousados no ataque, na negação de direitos, nos esmagamentos de regalias, continuamente ensoberbecidos dentro do quero, posso e mando, sem reconhecer aos operários a sua qualidade de homens, com iguais direitos à existência?

Sim, aos patrões conviria a mistura, desde que fôsem eles que ditassem a lei.

Para isso queriam que os operários que com eles estivessem nas bolsas e nas caixas fôsem tratados, subalternos, humildes, resignados, adaptados.

Para isso queriam que os operários que com eles estivessem nas bolsas e nas caixas fôsem tratados, subalternos, humildes, resignados, adaptados.

Para isso queriam que os operários que com eles estivessem nas bolsas e nas caixas fôsem tratados, subalternos, humildes, resignados, adaptados.

Para isso queriam que os operários que com eles estivessem nas bolsas e nas caixas fôsem tratados, subalternos, humildes, resignados, adaptados.







## TRIBUNA SINDICALISTA

## Os poderes económicos da classe patronal

O aparecimento do industrialismo moderno, logo a princípio, determinou, nas diferentes nações da Europa e da América, as seguintes consequências:

1. Mudança na composição profissional da população.

2. Mudança na sua forma de distribuição pelo território.

3. Uma nova formação social, a classe operária.

4. Aumento da população e por consequência, a extensão do salário.

5. Criando a grande indústria assim como os novos meios de transporte, o maquinismo modificou completamente a composição profissional da população.

6. O estabelecimento das primeiras manufaturas destinadas a fiar e tecer algodão provocou, no começo do século passado, uma enorme procura de trabalhadores, homens e mulheres.

7. Os caminhos de ferro motivaram durante vinte anos um chamamento da população dos campos aos pontos onde se construíam as linhas principais.

8. Em França, o desenvolvimento das indústrias minerais e metalúrgicas existiu em pouquíssimo tempo quasi duros mil trabalhadores, de forma que a população agrícola diminuiu, e a industrial e comercial aumentou consideravelmente. A sua proporção respectiva, que antes do maquinismo era no nosso país de um para vinte, actualmente está quasi a par.

9. A forma de agrupamento da população também teve que se modificar. Nos séculos antes se encontravam jagzios, nas localidades favoráveis ao desenvolvimento da indústria da tecelagem ou a quaisquer outras, mandaram os patrões construir as fábricas e manufaturas de onde precisavam, constituindo-se assim em aglomerações de trabalhadores.

10. Além de que a condensação, num determinado ponto, de uma importante população tem imediatas repercussões, provoca a fundação da grande indústria de consumo, tais como as relativas à alimentação, ao vestuário, etc., e, por consequência, um novo fornecimento de população.

11. Essa construção de fábricas, esse crescimento de população produziram por sua vez transformações na importância e número das cidades.

12. Estas alterações, hoje, encontram-se por toda a parte, na província, a velha e a nova cidade; e também se edificaram de todo numerosos centros industriais.

13. O maquinismo determinou múltiplas consequências técnicas e económicas que provocaram o aparecimento de uma nova formação social, a classe operária. Os indivíduos empregados na grande indústria foram obrigados a sujeitar-se a formas de labor dantes desconhecidas.

14. O trabalho disciplinado e em comum, a excessiva divisão do trabalho.

15. As necessidades técnicas criadas pelo maquinismo exigem o labor em comum, a verdadeira disciplina. É preciso chegar à hora, não se ausentar, conformar-se com os regulamentos de ordem técnica adotados na oficina.

16. As múltiplas operações executadas pelas máquinas-ferramentas motivaram uma especialização, uma divisão excessiva do trabalho. Hoje o homem é o servente da máquina, a sua ocupação consiste em fazer sempre a mesma operação. Esta excessiva divisão da tarefa a que o trabalho de cada um se refere, o que se segue na ordem da produção.

17. A vida nos grandes centros industriais, o desbarato da família devido à introdução da mulher e da criança na manufatura, a residência em casas ou quartos mobiliados, a influência dos numerosos estabelecimentos de instrução de gozo que existem nas cidades; a agravada das condições da vida material, a falta de trabalho, o pauperismo, a luta de classes, são outras tantas causas que desenvolvem ideias, costumes, paixões inteiramente diferentes daquelas que caracterizavam as populações inferiores à data do aparecimento do maquinismo. Em suma, todas estas influências reunidas chegaram após uma geração, a determinar uma nova formação social, a classe operária moderna.

18. Os caminhos de ferro, a navegação a vapor, as minas, a metalurgia, a tecelagem, produzindo intensa actividade industrial e comercial, provocaram em todos os países da Europa e da América um aumento da população.

19. Em França, durante o século passado, aumentou ela um terço. Antes do maquinismo contavam-se algumas centenas de mil habitantes, hoje há oito milhões de operários.

20. Aumentando o industrialismo o *quantum* e a proporção da população operária, é claro que ele altera necessariamente o regime do salário.

21. Nas sociedades actuais a produção social é considerada negócio particular. Basta que os patrões se conformem com a legislação; quanto ao mais são senhores absolutos de gerir os seus negócios como o entendam; tampouco tem que se importar com as consequências que a sua maneira de proceder acarreta à colectividade.

22. Semelhante sistema de direcção apresenta a desvantagem capital de colocar em irreconciliável oposição os interesses dos operários e os da classe patronal. De facto, o interesse desta classe é produzir, na repartição social, a parte máxima e dar aos trabalhadores a parte mínima. Ora os patrões, conforme a maneira por que regulam as condições da produção e da distribuição, podem diminuir mais ou menos a parte que competirá à classe operária, e como, perante a falta de organização desta classe, eles detêm todos os poderes económicos e administrativos, empregam-nos em tomar todas as medidas que lhes permitam realizar essa diminuição, ou, melhor, estorçam-se em reduzir ao mínimo o custo da produção.

23. A classe patronal, portanto, não procede à produção com o intuito de mandar executar tudo quanto é preciso à satisfação das necessidades da colectividade. Efectua-a com o fim de assegurar a si própria o maior lucro possível. É este sistema de produção, o *alvo* dos lucros, que caracteriza as sociedades actuais.

24. Quando o industrialismo surge numa sociedade assim organizada, ainda mais agra o antagonismo das duas classes. Efectivamente, como o vamos mostrar, a classe patronal emprega os poderes que retem:

1.º - Em privar os trabalhadores das vantagens inerentes à produtividade do maquinismo.

2.º - Em intensificar o despotismo que já exercia sobre os operários.

3.º - Em aumentar consideravelmente a sua parte na distribuição.

III

Sob o ponto de vista técnico, a quantidade de produtos a consumir depende de dois factores:

1.º - O trabalho do homem.

2.º - A produtividade do maquinismo.

Se a produtividade se torna muito grande, como sucede com os actuais instrumentos de trabalho, os trabalhadores devem poder aumentar o seu consumo, ao passo que poderão diminuir a duração do seu trabalho. Os operários, porém, não se podem aproveitar desta dupla vantagem quando os patrões detêm os poderes económicos necessários à direcção da produção e distribuição; porque eles empregam esses poderes em impor o máximo de trabalho e o mínimo de salários, exactamente como se o maquinismo moderno não existisse.

A classe patronal possui os seguintes poderes económicos:

1.º - Poder de regular a duração do trabalho.

2.º - Poder de fixar a cifra dos salários e emolumentos.

3.º - Poder de suprimir esses salários nos casos em que o operário seja impedido de trabalhar em consequência de acidente ou enfermidade.

4.º - Poder de cobrar a sua própria parte na distribuição.

1.º - Poder de regular a duração do trabalho. - Os patrões negam-se a diminuir a duração do trabalho proporcionalmente à produtividade do maquinismo; negam-se, portanto, a deixar que os operários se aproveitem das vantagens principais do maquinismo. Fixam o tempo de trabalho unicamente em conformidade com os seus interesses, sem consultar o seu pessoal, nem ter em consideração as novas condições criadas pelo industrialismo moderno.

(Conclui.)

H. DUFOUR.

Quando brincava

Depois de receber os primeiros socorros no Banco do Hospital do Rêgo, foi conduzido num auto da Cruz Vermelha ao Dr. José, onde depois de devidamente pensada, o Banco e recolheu a enfermaria (Infância) do Hospital Estefânia, Carmelinda Emilia, de 4 anos, residente na rua da Beneficência, nº 10, e a filha de 2 anos, que andava ali a brincar com um seu irmão caído de um muro fracturando a perna esquerda.

das, alianças mais estreitas com a pequena aristocracia da região, o que lhe julgava tão útil como o dinheiro ou um aumento de terras.

Ainda que as suas faculdades de observação fossem tão ressaltadas que não se intimidava de explicar as almas, como explicava o valor de um contrato de casamento e as cláusulas de um testamento, meu pai compreendeu depressa toda a diferença de raça, de educação e de sentimento, que o separava de sua mulher. Se isto ao princípio lhe causou tristeza, não o sei; em todo o caso ele não a deixava transparecer. Resignava-se. Entre ele, um pouco grosseiro, ignorante, insociável, e ela, instruída, delicada, entusiasta, havia um abismo que ele nem um só instante pensou em transpor, não reconhecendo em si nem o desejo nem a força para tal.

Esta situação moral de dois seres ligados para sempre, a quem nenhuma comunidade de pensamentos e de aspirações aproxima, não contrariava meu pai que, vivendo muito no seu escritório, se dava por satisfeito se encontrava a casa bem dirigida, as refeições bem preparadas, os seus hábitos e as suas manias restritamente respeitadas; em compensação, tal vida era muito dolorosa para ela, muito pesada para o coração de minha mãe.

Minha mãe não era bela, e ainda menos bonita; mas havia uma tão nobre simplicidade na sua atitude, tanta graça natural nos seus gestos, uma tão grande bondade na expressão dos seus

## A construção do Bairro Social

## A questão dos comanditários

**Camaráda redactori**—Havendo jornais que se tem prestado a fazer uma campanha infame contra os operários do Bairro Social, especulando com tudo e com todos e desejando nós combater todas essas infâmias, vimos junto do camarada para que nos auxilie na nossa missão... Andam os comanditários protestando contra os operários, pelo facto de lhes não darem as comandas, dizendo que enquanto eles não ocuparem os seus lugares não haverá produção relativa às horas de trabalho. Puro engano.

Conveniam-se os comanditários com a campanha dissolvente que estão fazendo, não melhoram a sua situação, antes pelo contrário. Eles estão abertos a cova onde se há de enterrar, porque se incompatibilizam ainda mais com todo o pessoal, visto já estarem ameaçados que tem toda a força para demitirem e admitirem todos os operários que desejarem.

Procurarem convencer que só eles cumprirão com o seu dever, é mais que infantil, visto auterem ordenados chorudos que nunca sonharam perceber e, nesse caso, desejariam que a continuação do Bairro se prolongue indefinidamente, como acontece em todas as obras onde há burocratas, e não operários.

Sobre a competência dos comanditários, haveria muito a dizer, mas ficará para ocasião oportuna.

Sobre a posse do lugar, sabem esses senhores que é impossível, visto não haver materiais. Mas isso pouco os preocupa visto pedirem para lhes pagarem os ordenados, mesmo estando em casa.

Nessa altura, já não se incomodavam com o que se produziu no Bairro, nem tão pouco com a moralidade nem com os deveres dos trabalhadores.

A Comissão: Alfredo Moura, Gaspar Manuel, Francisco P. Marques.

## A BATALHA

## A União dos Sindicatos do Porto e os operários presos—Um parecer da C. A.—Ainda o pessoal da Carris—A classe dos metalúrgicos—A pouca acção do operariado do norte

PORTO, 26.—Sob a presidência do delegado da Liga das Artes Gráficas, secretário pelos representantes dos Funileiros e do Porto, realizou-se a reunião da União dos Sindicatos, referindo-se a um ofício do pessoal da Carris. Sr. Cardoso Lúcia afirma que os empregados da Companhia dos Carris foram ameaçados nas suas intenções, podendo, portanto, o movimento. O delegado da Associação das Artes de Veneza contestou, porém, tal ponto de vista, dizendo que a Carris, mesmo que, além dos 50% concedidos, e da regulamentação do horário, foram reintegrados vários operários vítimas das reacções da Companhia, assim como, segundo o representante do pessoal da Carris, se conseguiram umas justas promoções. Serafim Lúcia dá-se por satisfeito e felicita os empregados da Carris pelo seu triunfo. Foi lido um ofício dos metalúrgicos solicitando dos delegados para assegurar a uma reunião magna da sua classe, que os patrões se efectuem com regular frequência—sendo nomeados Anástasio Ramos e Joaquim da Silva. A seguir, o camarada Armando Cardoso, em nome da Comissão Administrativa, apresentou a seguinte parecer:

O silêncio que as classes operárias têm mantido em volta das acções sociais, das infames perseguições que vêm sendo feitas, camarádas nossos, é extremamente lamentável, sendo desconhecido, parecendo que os empregados da Carris não têm a consciência de que a Carris é a causa de tantas vítimas, e que a Carris é a causa de tantas vítimas, e que a Carris é a causa de tantas vítimas.

1.º - Que todas as associações federais façam reunir as suas respectivas classes em assembleias magnas, onde, se tanto for possível, se dê um deliberação. 2.º - Que em todas as assembleias se dê um deliberação. 3.º - Que em todas as assembleias se dê um deliberação.

4.º - Que em todas as assembleias se dê um deliberação.

5.º - Que em todas as assembleias se dê um deliberação.

6.º - Que em todas as assembleias se dê um deliberação.

7.º - Que em todas as assembleias se dê um deliberação.

8.º - Que em todas as assembleias se dê um deliberação.

9.º - Que em todas as assembleias se dê um deliberação.

10.º - Que em todas as assembleias se dê um deliberação.

11.º - Que em todas as assembleias se dê um deliberação.

12.º - Que em todas as assembleias se dê um deliberação.

13.º - Que em todas as assembleias se dê um deliberação.

14.º - Que em todas as assembleias se dê um deliberação.

15.º - Que em todas as assembleias se dê um deliberação.

16.º - Que em todas as assembleias se dê um deliberação.

17.º - Que em todas as assembleias se dê um deliberação.

18.º - Que em todas as assembleias se dê um deliberação.

19.º - Que em todas as assembleias se dê um deliberação.

20.º - Que em todas as assembleias se dê um deliberação.

do tem demonstrado egoísmo: 4.º - que no começo em preparação se tratou também de caso; 5.º - que, mesmo antes do começo, se fez uma reunião pública nas salas da U. S. O. A. e, como se sabe, a reunião de 4.º de abril deve sair uma comissão que se vá entender com quem quer que nesta cidade determine as prisões, e bem assim um telegrama a todos os chefes de três presidentes que a República tem.

E este, camaradas, o projecto de protesto que, neste momento, entendemos levar a cabo, para que se salve a honra da classe operária. Muito mais desejariamos fazer, mas para isso era preciso que vissemos aquela vida, aquele interesse, aquele sagrado sentimento que nos dá a massa trabalhadora tão escravidão e tão mole.

—Ontem, como de costume, voltou a reunião da U. S. O. sob a presidência do delegado da Carris, Sr. Cardoso Lúcia, e foram discutidos os pontos da Carris, e foram discutidos os pontos da Carris, e foram discutidos os pontos da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

—O secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris, e o secretário geral leu o ofício do fundo da Carris.

## Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios

Foram autorizadas as corporações do SS. Sacramento e Nossa Senhora do Rosário, da freguesia de Ferreira, e levantaram dos seus fundos, cada uma a quantia de 50000, a fim de completarem as obras da Igreja matriz de Ferreira.

Foi autorizada a Santa Casa da Misericórdia das Velas, ilha da Madeira, a criar uma farmácia e o respectivo lugar de farmácia de Ferreira.

A Contraria das Almas da freguesia de Moreira, concelho de Monção, distrito de Viana do Castelo, foi autorizada a distribuir dos seus fundos a quantia de 30000, a fim de subsidiar a junta de freguesia para conclusão das obras no cemitério paroquial.

A Misericórdia de Santarém foi autorizada a aceitar a doação de 50000 que lhe quer fazer a sr. D. Joana da Piedade Silva, como preito de senda homenagem à memória de seu falecido marido, Francisco de Almeida Silva.

Foi autorizada a Irmandade da Misericórdia de Vila Nova de Famalicão a aceitar dos legados de 10000 deixados pelo sr. António Joaquim Andrade e para seu sustento, pela sr. D. Ana Rosa da Cruz Tróvisqueira Guimarães.

A Misericórdia de Vizeu foi autorizada a aceitar o legado de 50000 que lhe quer fazer a sr. D. Ana do Carmo Martins.

O sr. governador civil de Braga foi autorizado para, ao abrigo do decreto-lei de 2 de Outubro de 1906, distribuir dos seus fundos a quantia de 50000 para a construção de uma casa de habitação para os indivíduos declaradamente hostis ao regime.

O ministro do trabalho mandou entregar a direcção da Casa Pia de Lisboa a colónia agrícola de S. Bernardino e para seu sustento 50000 tirados da verba de 100.000 destinada à assistência.

Foi exonerado a seu pedido de professor de ginástica da Casa Pia de Lisboa, o nomeado para substituir o capitão Virgílio Damasceno Simões.

Foi autorizada o sr. governador civil de Lisboa a dissolver, devido à sua irregular administração, a mesa administrativa da Misericórdia de Alfama Velhas.

Foi nomeada uma comissão administrativa para exercer as suas funções até ao termo da respectiva eleição.

## Queda num poço

Para a enfermaria 4 (Santa Joana) entrou Joaquim Soares, trabalhador, residente na rua da Boa Hora, 48, 1.º, que quando se foi trabalhar num poço, na Serra do Monsanto, se partiu o calcanhar e o suspêndio, caindo e ficando muito contuso.

## Uma questão de família

Na feira de Santos está estabelecida uma barra de fanteos, uma mulher de nome, Iracema Rato, vivia, residente na rua da Boa Hora, 48, 1.º, que quando se foi trabalhar num poço, na Serra do Monsanto, se partiu o calcanhar e o suspêndio, caindo e ficando muito contuso.

Na feira de Santos está estabelecida uma barra de fanteos, uma mulher de nome, Iracema Rato, vivia, residente na rua da Boa Hora, 48, 1.º, que quando se foi trabalhar num poço, na Serra do Monsanto, se partiu o calcanhar e o suspêndio, caindo e ficando muito contuso.

Na feira de Santos está estabelecida uma barra de fanteos, uma mulher de nome, Iracema Rato, vivia, residente na rua da Boa Hora, 48, 1.º, que quando se foi trabalhar num poço, na Serra do Monsanto, se partiu o calcanhar e o suspêndio, caindo e ficando muito contuso.

Na feira de Santos está estabelecida uma barra de fanteos, uma mulher de nome, Iracema Rato, vivia, residente na rua da Boa Hora, 48, 1.º, que quando se foi trabalhar num poço, na Serra do Monsanto, se partiu o calcanhar e o suspêndio, caindo e ficando muito contuso.

Na feira de Santos está estabelecida uma barra de fanteos, uma mulher de nome, Iracema Rato, vivia, residente na rua da Boa Hora, 48, 1.º, que quando se foi trabalhar num poço, na Serra do Monsanto, se partiu o calcanhar e o suspêndio, caindo e ficando muito contuso.

Na feira de Santos está estabelecida uma barra de fanteos, uma mulher de nome, Iracema Rato, vivia, residente na rua da Boa Hora, 48, 1.º, que quando se foi trabalhar num poço, na Serra do Monsanto, se partiu o calcanhar e o suspêndio, caindo e ficando muito contuso.

Na feira de Santos está estabelecida uma barra de fanteos, uma mulher de nome, Iracema Rato, vivia, residente na rua da Boa Hora, 48, 1.º, que quando se foi trabalhar num poço, na Serra do Monsanto, se partiu o calcanhar e o suspêndio, caindo e ficando muito contuso.

Na feira de Santos está estabelecida uma barra de fanteos, uma mulher de nome, Iracema Rato, vivia, residente na rua da Boa Hora, 48, 1.º, que quando se foi trabalhar num poço, na Serra do Monsanto, se partiu o calcanhar e o suspêndio, caindo e ficando muito contuso.

Na feira de Santos está estabelecida uma barra de fanteos, uma mulher de nome, Iracema Rato, vivia, residente na rua da Boa Hora, 48, 1.º, que quando se foi trabalhar num poço, na Serra do Monsanto, se partiu o calcanhar e o suspêndio, caindo e ficando muito contuso.

Na feira de Santos está estabelecida uma barra de fanteos, uma mulher de nome, Iracema Rato, vivia, residente na rua da Boa Hora, 48, 1.º, que quando se foi trabalhar num poço, na Serra do Monsanto, se partiu o calcanhar e o suspêndio, caindo e ficando muito contuso.

Na feira de Santos está estabelecida uma barra de fanteos, uma mulher de nome, Iracema Rato, vivia, residente na rua da Boa Hora, 48, 1.º, que quando se foi trabalhar num poço, na Serra do Monsanto, se partiu o calcanhar e o suspêndio, caindo e ficando muito contuso.

Na feira de Santos está estabelecida uma barra de fanteos, uma mulher de nome, Iracema Rato, vivia, residente na rua da Boa Hora, 48, 1.º, que quando se foi trabalhar num poço, na Serra do Monsanto, se partiu o calcanhar e o suspêndio, caindo e ficando muito contuso.

Na feira de Santos está estabelecida uma barra de fanteos, uma mulher de nome, Iracema Rato, vivia, residente na rua da Boa Hora, 48, 1.º, que quando se foi trabalhar num poço, na Serra do Monsanto, se partiu o calcanhar e o suspêndio, caindo e ficando muito contuso.

Na feira de Santos está estabelecida uma barra de fanteos, uma mulher de nome, Iracema Rato, vivia, residente na rua da Boa Hora, 48, 1.º, que quando se foi trabalhar num poço, na Serra do Monsanto, se partiu o calcanhar e o suspêndio, caindo e ficando muito contuso.

Na feira de Santos está estabelecida uma barra de fanteos, uma mulher de nome, Iracema Rato, vivia, residente na rua da Boa Hora, 48, 1.º, que quando se foi trabalhar num poço, na Serra do Monsanto, se partiu o calcanhar e o suspêndio, caindo e ficando muito contuso.

Na feira de Santos está estabelecida uma barra de fanteos, uma mulher de nome, Iracema Rato, vivia, residente na rua da Boa Hora, 48, 1.º, que quando se foi trabalhar num poço, na Serra do Monsanto, se partiu o calcanhar e o suspêndio, caindo e ficando muito contuso.

Na feira de Santos está estabelecida uma barra de fanteos, uma mulher de nome, Iracema Rato, vivia, residente na rua da Boa Hora, 48, 1.º, que quando se foi trabalhar num poço, na Serra do Monsanto, se partiu o calcanhar e o suspêndio, caindo e ficando muito contuso.

Na feira de Santos está estabelecida uma barra de fanteos, uma mulher de nome, Iracema Rato, vivia, residente na rua da Boa Hora, 48, 1.º, que quando se foi trabalhar num poço, na Serra do Monsanto, se partiu o calcanhar e o suspêndio, caindo e ficando muito contuso.

Na feira de Santos está estabelecida uma barra de fanteos, uma mulher de nome, Iracema Rato, vivia, residente na rua da Boa Hora, 48, 1.º, que quando se foi trabalhar num poço, na Serra do Monsanto, se partiu o calcanhar e o suspêndio, caindo e ficando muito contuso.

## Ainda a greve ferroviária

## A razão da greve



# A BATALHA

na Província

Quinze dias de prisão de vimearense a título de bolchevista — Preocupações em Fátima

Correspondente da "Batalha"

Reunio hoje a Federação das Associações de trabalhadores desta cidade, tendo-se ocupado da prisão dos nossos confrades em Fátima, no Porto, cuja situação se não pode apurar por uma forma clara, sendo, no entanto, favoráveis, embora incertas, as informações obtidas.

Subscrevem-se o tal Neves, calandário responsável, daquelas prisões, feito com todas as formas de comprometimento dos nossos camaradas, procurando ainda captar para a sua antipática missão a adesão da firma Nascimento & Filhos e fazer com que esta diminua os salários aos camaradas em questão, que trabalham na sua oficina.

Para Fátima foi destacada uma força de infantaria 30 que primitivamente veio para o 1.º Batalhão de Fátima, agremiação de fama notoriamente reacionária. Como, porém, se tratava duma sociedade pertencente à burguesia da terra, logo se moveram influências para que a casa fosse desocupada pelo referido destacamento e se encontraram outro alojamento que não fosse a sede da associação dos trabalhadores locais a qual foi prometida outra casa, promessa, porém, não cumprida até esta data, vindo-se assim o proletariado local desprotegido da sua sede e obrigando a efectuar as suas reuniões pelos cantos das ruas. Foi resolvido protestar-se energicamente contra esta situação e nesse sentido se telegrafou ao deputado Manuel José da Silva, à 2.ª secção da U. O. N. Câmara, administrador de Fátima e ao comandante da infantaria 22, esperando-se que sejam tomadas rápidas medidas de forma a que a Associação dos Trabalhadores de Fátima, reente, se demora, na posse da sua sede.

Numa anterior reunião a Federação foi resolvido nomear o correspondente para a "Batalha", o qual aguarda apenas a respectiva confirmação para entrar no exercício das suas funções.

## VILA NOVA DE GAIA, 27

A greve dos metalúrgicos — Repugnante procedimento dum "amarelo" — Várias notícias

Continuam em greve os camaradas metalúrgicos da serralheria do sr. Manuel Trêças, devido a este industrial não atender, na sua totalidade, as reclamações dos mesmos. Numa conferência de trabalhadores operários e aquele industrial, foi por este oferecido a estes os aumentos de 30 por cento, — nestas percentagens foi incluído o encarregado da oficina —, e 10 por cento aos ajudantes que os operários recusaram em virtude da exigência da oferta. Não sucedeu assim com o encarregado da oficina que, porquanto a sua tarefa era de natureza mais importante, não se contentou com a oferta, mas pediu mais 10 por cento, o que não foi aceite, e o patrão, uma cláusula houvesse que o obrigasse a proceder assim, o que é certo e que essa cláusula, em nome de Manuel Trêças, Silva, o da "Leiteira", cometeu o crime de ultrajar os seus colegas, retomando o trabalho e como se isto não fosse o bastante, andando a entregar a trabalhar para o trabalho alguns homens que não tem consciência e os aprendizes, crianças ainda, sem responsabilidade moral no movimento. E diz-se esta criatura ser filho de um operário socialista e ensina-se a proceder assim! Mas o que torna o seu ato mais nefando, mais abjecto, mais miserável, é ter sido, ele, o encarregado da oficina, a comissão administrativa da 5.ª secção da Associação dos Operários Metalúrgicos, e neste cargo, aconselhar e orientar os seus camaradas em luta, nestes e outros movimentos. E era este cavalheiro leitor assíduo dos jornais A Batalha e O Combate!

Em reunião da comissão administrativa da cidade Associação, realizada ontem, foi resolvido, passando por cima do diploma estatutário, suspender o cargo de desenhador na serralheria de Manuel Trêças, e a partir da próxima assembleia geral decidir o caminho a seguir, e convidar a vir prestar esclarecimentos à classe, na próxima quinta-feira, e se não vier, a partir de então, se um manifesto, mostrando ao público o seu carácter.

Faleceu hoje a mãe do camarada metalúrgico Joaquim Barbosa, que toda a sua vida labutou, até que a doença o obrigou a recolher ao leito, agarrando assim o fim da sua existência. O seu falecimento reverte a favor do cofre da Associação.

Em 10 de dia 7 de Setembro e não no dia 31 deste mês, que se realiza a inauguração do Sindicato Operário das indústrias Têxteis de Vila Nova de Gaia, acto que constará de sessão solene, a 10 de Setembro, e de sessão por propaganda do movimento operário. Durante a tarde uma banda de música tocará em frente à sede do Sindicato e far-se-á uma quermesse, a partir da qual se reverte a favor do cofre da Associação.

## Brincadeira fatal

Do lugar da Loureira, próximo de Rana, concelho de Torres Vedras, reside o trabalhador rural António dos Santos, conhecido como Ana da Conceição, de quem tem três filhos menores, um dos quais, o mais velho, é um garoto muito inteligente e que se ajuda a mãe a fazer a casa, desafiando-se e vai com outros menores seus vizinhos para a linha férrea, onde passa horas esquecidas.

Anteontem foi um dos dias em que ele fez a parida, mas pouco lá se demorou, pois que, encontrando uma bala das que os soldados que faziam serviço de vigilância usavam, lançou-a abandonando a pressa, e viu a casa mostrar aos irmãos o seu achado. Neste momento a mãe, que tudo ignorava, sentiu-se fechada a porta e a chuva de balas para uma quinta próxima, a fim de apagar uma porção de maldade, deixando em casa os seus três filhos e seus sobrinhos João, de 5 anos, filho de Joaquim Miranda e de Serafina da Conceição, e Joaquim, de 4, filho de Joaquim Carolina e de Luisa Miranda.

Passado algum tempo ouviu-se uma detonação que fez aproximar da casa algumas vizinhas, resolvendo uma delas, de nome Carolina Maria, ir avisar a Ana da Conceição, a principio achou que em sua casa se tinha disparado um tiro e se ouvia gemidos de crianças que decerto haviam sido atingidas. A pobre mulher correu como louca, e abriu a porta deparou com um quadro desolador.

Todas as crianças se encontravam bastante feridas na cara e mãos, a excepção do mais novo, o António, que da tal forma foi atingido no ventre que lhe provocou a saída dos intestinos.

O que deu origem ao desastre foi o Domingo, que apertando a mãe ausente, chamou para junto de si todos os outros pequenos e, colocando a bala no chão, bateu-lhe com uma pedra, provocando assim a explosão que, para grandes consequências deu.

Todas as feridas foram conduzidas ao Dr. de Rana, onde foram pensados, seguindo para Lisboa acompanhado da mãe e mais novo que foi transportado num auto da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, onde o Banco, foi operado de uma parotidite, pelo drs. Medeiros e Almeida. Faleceu depois de acedida a Assis de Brito, recolhendo depois a enfermaria 11 (Santa Joana).

## Sempre os mesmos

Ricardo Barreiros, criado de servir, de 30 anos, residente na travessa de Santa Ana, 30, 2.º, passou anteriormente de manhã junto do estado do Hospital de S. José, a casa do Café de La Gare, acompanhando de dele, momento depois um cabo de cavalaria da guarda republicana que o intimou a retirar-se dali. O intimado seguiu o seu caminho, mas como fosse a passos lentos, foi novamente intimado pelo mesmo guarda a seguir com mais pressa, respondendo-lhe que o não podia fazer, visto encontrarem-se bastante doente. Valendo-lhe esta resposta uma cartilha que lhe fez um grande ferimento na cabeça, do qual foi pensado no Banco do Hospital de S. José.

## A força do hábito

A 11 horas de anteontem subiam a rua Nova da Almeida, duas galeiras guiadas por pessoas da guarda republicana. A certa altura, um pouco depois, os condutores começaram a maltratar os animais, o que provocou energias protestos das pessoas que passavam, e que cessaram a acção. A certa altura, de serviço que assistia impassível a cena, um guarda, o guarda, em face da atitude dos soldados, resolveu a dirigir-se aos soldados, recebendo destes hostilidade. Em breve, porém, compareceu um piquete da cavalaria da guarda, comandado por um oficial, conseguindo-se apagar os protestos.

# Aspectos da sociedade burguesa

Nos calabouços do governo civil encontram-se 4 mulheres, atacadas de alienação mental, esperando naquelas fôregas "calabouços" a sua saída para o Hospital de Rilhafoles ali serem internadas.

São elas Maria da Glória, de Penamacor, rua dos Sapateiros, 115; Angelina da Silva, de Vila Rica, rua da Senhora de Santa Ana; Ana Maria, de Tomar, rua de Arroios, 251, 1.º; e Maria Emilia Marques, de Polares, que diz residir na rua do Gato, 40900. Esta última encontra-se no largo da Estrela, e tem a mania que o mundo acaba no dia 26 de abril do ano que vem.

Foram examinadas pelos sub-delegados de saúde drs. Pereira Amado e Simões Carneiro.

## INTEVENÇÕES SINDICALISTAS

Lisboa Central. — Reuniram conjuntamente as comissões administrativas, de propaganda e de conselho fiscal, resolvendo manter a sua actividade e a de carácter colectivo por se julgarem incompatíveis com um certo numero de associações. Neste sentido, é convocada a assembleia geral deste organismo para hoje, pelas 20 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Pedido de demissão dos corpos gerentes e nomeação de camaradas para os substituir; 2.º Nomeação de 3 delegados à União das Juventudes Sindicalistas. Pela importância dos assuntos, e de esperar que nenhum jovem sindicalista deixe de comparecer a esta assembleia, as comissões administrativas, demonstrando o seu desejo de que este núcleo continue a desenvolver-se indignando os camaradas que julgam mais competentes para os substituir.

## Os que roubam fora da lei

O sr. Luís António Baptista, amanuense da Associação de Agricultores, foi denunciado por certo indivíduo que lhe pediu 500000 e não lho pagou, outra vez, sem lhe pedir licença, foi receber-lhe um valor de 40000, ainda de outra apunhalou-lhe 50000 e uma bolsa de prata.

Percebe que é verdade.

Queixou-se ontem à polícia José Gonçalves, de Leiria, de que numa casa da rua da Amendoeira, lhe furtaram uma carteira com 100000.

Francisco Pinheiro, residente na Travessa da Leiria, que roubaram objetos no valor de 27000.

O sr. Manuel dos Santos André, rua de S. Joaquim, 1, queixou-se à polícia de que o sr. João de Deus, 10, lhe furtou 30000 e registou uma inscrição do valor nominal de 30000, o encarregado dessa missão foi empunha-la por 10000.

Queixaram-se também: Mário Martins, rua do Alcega, 101 e 103, de que lhe furtaram um lavatório inglês no valor de 2500 e a Sociedade Politécnica, 251, de que lhe furtaram algumas requisições com que receberam em algumas casas comerciais vários objetos, que foram depois vendidos a um terceiro.

Do Armazém Colonial da Exploração do Porto de Lisboa, furtaram quinze quilos de cacau, por um indivíduo que já foi preso.

## Reclames

Hoje é noite de grande entusiasmo no Teatro São Luís. É a recita de Eduardo Schwalbach, o festejado autor do *Pé de Meia*, que faz hoje a sua estreia no palco. Ninguém pois deve faltar ao São Luís.

A encenadora comédia *Sonho de uma noite de Agosto* continua a levar ao gigante Ginásio uma enorme concorrência que aplaude todos os artistas que a desempenham e em especial a Lucinda Simões, Andréia Maria Calvo e Robles Monteiro nos principais papéis.

A delicada comédia continua em scena até ao fim da época, que está prestes a findar.

Gente da alta sociedade, ricos e humildes todos tem passado nas últimas noites pelo Apolo. É que a revista *Lebre Corrente* tem a sua estreia no palco, e a sua estreia é uma verdadeira obra-prima.

Pode garantir-se hoje no Coliseu dos Recreios uma magnífica concorrência, em virtude do programa desta noite, que é soberbo.

Está dando sucessivas encenantes no Avenida a peça *A Guerra* que é, sem contestação, uma das mais interessantes obras que se tem escrito sobre a configuração europeia.

Hoje, no Eden, em duas sessões, são as recitas de *Lebre Corrente*, a peça ali em scena, com grande agrado, que apresentará o atractivo excepcional da estreia do quadro *Na mente do olho*, que é a obra-prima de um dos maiores artistas da actualidade, o sr. Filipe, e guarda roupa também novo, da Empresa.

## CARTAZ DO DIA

SÃO LUIS — A 21.30 — "O Pé de Meia". TRINDADE — A 21.15 — "Paz Armada". GINÁSIO — A 21.30 — "Sonho de uma noite de Agosto". COMÉDIA. AVENIDA — A 21.30 — "A Guerra". POLITEAMA — A 21.15 — "O pai Simão". COMÉDIA. APOLO — A 21.30 — "Lebre Corrente". EDEN — 2 sessões, às 20.45 e 21.45, com o quadro *Lebre Corrente* ampliado a revista "Aqui e Lá". COLISEU DOS RECREIOS — Animatográfico e variedades. A 20.30. As dançarinas francesas Timandra e Dorely, Lola Montes, Hermanos Elias e Emilia Imperio.

## Cruz Vermelha

No posto do Terceiro do Paço fizeram-se 8 curativos de urgência a indivíduos vítimas de pequenos desastres e 72 pontos de repêção. Os autos conduziram aos hospitais 23 feridos.

No posto do Terceiro do Paço, fizeram-se ontem 14 curativos de urgência a indivíduos vítimas de pequenos desastres e 80 pontos de repêção a 10 de Junho.

No posto do Terceiro do Paço, também se receberam 12 curativos de urgência a 12 de urgência e 70 repêções. Os autos conduziram aos hospitais 27 doentes.

No posto do Terceiro do Paço, também se receberam 12 curativos de urgência a 12 de urgência e 70 repêções. Os autos conduziram aos hospitais 27 doentes.

## O TEMPO

Temperatura do ar em 28. — Lisboa, 22.0; Porto, 21.0; Coimbra, 20.0; Madrid, 20.0. Vento, — Lisboa, N; Porto, 7; Coimbra, NNW; Madrid, SW.

Tempo predito hoje. — Vento moderado de N e NW, com de algumas nuvens.

## O Esperar na policia

Saiu à ordem que todos os chefes e cabos das esquadras distribuíram os piquetes por forma a permitir que os guardas não fizessem as funções de Esperar.

Estas continuam funcionando às quartas e sábados com cinquenta e três matriculados.

Depois do primeiro curso realizado, os guardas com aproveitamento, fundarão uma Sociedade Policial Esperantista.

## Quem será o suicida?

Pouco depois das 21 horas de quarta-feira, quando o sr. Vitoria regressava de Calhinas, ouviu-se, a meio do rio, a queda dum corpo seguido do habitual brado de *homem ao mar*. O Vitoria parou imediatamente, sendo arriados as lanchas e acesso o helicóptero, não sendo, porém, possível ver quem caíra ao rio, apesar das diligências empregadas.

A bordo do Vitoria foi depois encontrado um bilhete em que se lia o seguinte: "João de Barros, Mato-mo por motivos muito sérios".

Pararam tratar-se dum comerciante de S. Paulo, correndo também a versão de que se trata dum operário do Beato.

## O calote oficial

Dirigiram-se a esta oficina alguns camaradas, em nome do pessoal servente, que, em numero aproximado a 100 pessoas, trabalham nos armazéns gerais do moribundo ministério dos abastecimentos, no Beato, a prometer contra o facto de, há já três semanas, não receberem os seus salários, o que os tem colocado numa situação económica extremamente embaraçada, como se pode verificar. Dizem os afectados que, a despeito de todos os esforços empregados para receberem esses míseros salários, inteiramente indispensáveis a sua subsistência, não conseguiram obter mais do que uma boa vontade por respectivo chefe, sr. José Alves Nunes, nada tendo conseguido, pois parece que esse pagamento dependa não se sabe de que "tricas" burocráticas que não há maneira de remover.

Será possível pensar-se um pouco, nas altas regiões, que quem trabalha precisa comer?

# OS QUE MORREM

## MANIFESTAÇÃO FUNEBRE

Realizou-se ontem o funeral da camarada Juilith da Graça, operária da Fabrica dos Tabacos, que constituiu uma importante manifestação de pesar pela falecida. No presépio incorporaram-se, além do Pessoal dos Tabacos, grande numero de operários da construção civil e marceneiros, a cuja classe pertence o pai da falecida. No cemitério organizaram-se turnos das classes que se fizeram apresentar, falhando à beira da sepultura a camarada Palmira da Conceição, pelo Pessoal Extraordinário dos Tabacos; Manoel Soares pela F. Construção Civil; Alfredo Marques pela Federação Movilizadora; Alfredo Cruz, José das Neves e João Parra pelo Sindicato Ferroviário e Santos Arranha pelo Nucleo Juventude Sindicalista da Indústria Mobiliária, sendo todos unânimes em enaltecer as qualidades da extinta e condenar a actual sociedade, cujos erros motivaram o gesto de desespero que a vitimou.

O camarada Justino Graça, pai da extinta, agradece a todos os que a acompanharam a ultima morada.

## FALECIMENTOS

Faleceram ontem e sepultam-se hoje as seguintes pessoas: João Maria Ramiro dos Santos, 2.º sargento de infantaria 16, às 15 horas, da Madalena 177; Jeronimo Afonso de Sousa, às 16.30, da rua de S. João da Mata, 157; Ana Martins do O, às 16, da rua da Costa da Moura, 22; Joaquim Alves, 4, da rua da Vitória, 7; D. Cecília Annarraz, às 13, da rua das Amoreiras, 185; D. Maria da Conceição Duarte, às 9, da rua do Quellas, 126; D. Emelinda da Conceição Dares, às 18, da travessa da Portuqueira, 42.

## FUNERAIS

Realizam-se amanhã, pelas 10 horas, o funeral do camarada Alvaro Gaspar, sócio n.º 1798 da Associação dos Carpinteiros Civis. O presépio funebre sairá do Hospital de S. José para o Cemitério Ocidental. A Associação dos Carpinteiros convidou a classe a fazer-se representar no funeral.

Realiza-se hoje, às 17 horas, o funeral do Guilherme Coetano Beato que naufragou com a canoa que tripulava. O presépio sairá do pateo do Gerales, para o cemitério ocidental.

## OBITUARIO

Cadáveres inumados no dia 28 no cemitério do Prazeres: Antonio Carlos de Carvalho Beato, 65 a. Maria Martins, 5 d. Flora Lopes da Costa, 5 m. Antonio Joaquim Narciso, 67 a. Marcelo Augusto Macedo Couto, 7 m.

Cadáveres inumados no dia 28 no cemitério de Ajuda: José dos Santos, 22 a; João dos Santos, 10 a; Silva Martins, 11 m; José Maria, 41 m; João Baptista da Silva, 72 a; Ana da Silva, 37 a; Lucinda Alves Soares, 10 m; Hilmira Gomes dos Santos, 4 m; Manoel Abrantes, 71 a; Aldina Dias Matos, 7 m.

# TEATROS & CINEMAS

## Recêlames

Hoje é noite de grande entusiasmo no Teatro São Luís. É a recita de Eduardo Schwalbach, o festejado autor do *Pé de Meia*, que faz hoje a sua estreia no palco. Ninguém pois deve faltar ao São Luís.

A encenadora comédia *Sonho de uma noite de Agosto* continua a levar ao gigante Ginásio uma enorme concorrência que aplaude todos os artistas que a desempenham e em especial a Lucinda Simões, Andréia Maria Calvo e Robles Monteiro nos principais papéis.

A delicada comédia continua em scena até ao fim da época, que está prestes a findar.

Gente da alta sociedade, ricos e humildes todos tem passado nas últimas noites pelo Apolo. É que a revista *Lebre Corrente* tem a sua estreia no palco, e a sua estreia é uma verdadeira obra-prima.

Pode garantir-se hoje no Coliseu dos Recreios uma magnífica concorrência, em virtude do programa desta noite, que é soberbo.

Está dando sucessivas encenantes no Avenida a peça *A Guerra* que é, sem contestação, uma das mais interessantes obras que se tem escrito sobre a configuração europeia.

Hoje, no Eden, em duas sessões, são as recitas de *Lebre Corrente*, a peça ali em scena, com grande agrado, que apresentará o atractivo excepcional da estreia do quadro *Na mente do olho*, que é a obra-prima de um dos maiores artistas da actualidade, o sr. Filipe, e guarda roupa também novo, da Empresa.

## CARTAZ DO DIA

SÃO LUIS — A 21.30 — "O Pé de Meia". TRINDADE — A 21.15 — "Paz Armada". GINÁSIO — A 21.30 — "Sonho de uma noite de Agosto". COMÉDIA. AVENIDA — A 21.30 — "A Guerra". POLITEAMA — A 21.15 — "O pai Simão". COMÉDIA. APOLO — A 21.30 — "Lebre Corrente". EDEN — 2 sessões, às 20.45 e 21.45, com o quadro *Lebre Corrente* ampliado a revista "Aqui e Lá". COLISEU DOS RECREIOS — Animatográfico e variedades. A 20.30. As dançarinas francesas Timandra e Dorely, Lola Montes, Hermanos Elias e Emilia Imperio.

## Cruz Vermelha

No posto do Terceiro do Paço fizeram-se 8 curativos de urgência a indivíduos vítimas de pequenos desastres e 72 pontos de repêção. Os autos conduziram aos hospitais 23 feridos.

No posto do Terceiro do Paço, fizeram-se ontem 14 curativos de urgência a indivíduos vítimas de pequenos desastres e 80 pontos de repêção a 10 de Junho.

No posto do Terceiro do Paço, também se receberam 12 curativos de urgência a 12 de urgência e 70 repêções. Os autos conduziram aos hospitais 27 doentes.

No posto do Terceiro do Paço, também se receberam 12 curativos de urgência a 12 de urgência e 70 repêções. Os autos conduziram aos hospitais 27 doentes.

## O TEMPO

Temperatura do ar em 28. — Lisboa, 22.0; Porto, 21.0; Coimbra, 20.0; Madrid, 20.0. Vento, — Lisboa, N; Porto, 7; Coimbra, NNW; Madrid, SW.

Tempo predito hoje. — Vento moderado de N e NW, com de algumas nuvens.

## O Esperar na policia

Saiu à ordem que todos os chefes e cabos das esquadras distribuíram os piquetes por forma a permitir que os guardas não fizessem as funções de Esperar.

Estas continuam funcionando às quartas e sábados com cinquenta e três matriculados.

Depois do primeiro curso realizado, os guardas com aproveitamento, fundarão uma Sociedade Policial Esperantista.

## Quem será o suicida?

Pouco depois das 21 horas de quarta-feira, quando o sr. Vitoria regressava de Calhinas, ouviu-se, a meio do rio, a queda dum corpo seguido do habitual brado de *homem ao mar*. O Vitoria parou imediatamente, sendo arriados as lanchas e acesso o helicóptero, não sendo, porém, possível ver quem caíra ao rio, apesar das diligências empregadas.

A bordo do Vitoria foi depois encontrado um bilhete em que se lia o seguinte: "João de Barros, Mato-mo por motivos muito sérios".

Pararam tratar-se dum comerciante de S. Paulo, correndo também a versão de que se trata dum operário do Beato.

## O calote oficial

Dirigiram-se a esta oficina alguns camaradas, em nome do pessoal servente, que, em numero aproximado a 100 pessoas, trabalham nos armazéns gerais do moribundo ministério dos abastecimentos, no Beato, a prometer contra o facto de, há já três semanas, não receberem os seus salários, o que os tem colocado numa situação económica extremamente embaraçada, como se pode verificar. Dizem os afectados que, a despeito de todos os esforços empregados para receberem esses míseros salários, inteiramente indispensáveis a sua subsistência, não conseguiram obter mais do que uma boa vontade por respectivo chefe, sr. José Alves Nunes, nada tendo conseguido, pois parece que esse pagamento dependa não se sabe de que "tricas" burocráticas que não há maneira de remover.

Será possível pensar-se um pouco, nas altas regiões, que quem trabalha precisa comer?

# A BATALHA

## OPTIMO CAFE

Quilo \$80, EM PACOTES DE 125 E 250 GRAMAS

PERFUMARIAS — "MENNEN'S" — AMERICANAS —

Os melhores produtos de beleza conhecidos. Descontos aos revendedores

Rua Augusta, 70, 2.º — Telef. C. 1196

## OURO!!!

Mais barato e não se paga imposto — Só milagre!!! OURO

Compre na conhecida e acreditada casa Paiva & Braga.

Ha sempre grange sortido de cordões, correntes, anéis, alianças e mais objectos em 2.º mko renovados com pouco feito.

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12

Junto à Casa das Galoias TELEFONE 3676

Tuberculose, anemia, falta de forças e de apetite: Nucleo-calcina

Farmácia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18 Lisboa 476

# BATATA

Sã, de primeira qualidade, vendese, desde já, para entrega imediata, qualquer quantidade superior a 50 quilos. Descontos aos revendedores.

Rua Augusta, 229, 3.º, direito Guerra, Bandeira & Cunha

# "A BATALHA"

DIÁRIO OPERÁRIO DA MANHÃ

Redacção e administração CALÇADA DO COMBRO, 38-A-2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico — Talhaba — LISBOA

## ASSINATURAS

Pagamento rigorosamente adiantado

Lisboa: 1 mês, \$60 — Portugal, Ilhas, Colónias e Espanha, 3 meses, \$170; 6 meses, \$340; 1 ano, \$680. Territórios da União Postal: 6 meses, \$420; 1 ano, \$1040.

Não se aceitam pedidos de assinatura que não venham acompanhados da respectiva importância. — A despeza da cobrança que tiver de ser feita pelo correio é aumentada ao preço da assinatura

## ANÚNCIOS

Recebem-se, bem como reclamos, avisos, comunicados e qualquer outra publicação identica, aos preços da tabela, na administração da Batalha, nas agências Havas, Bastos & Gonçalves, Americana, etc.

Comunicados e anúncios, quando contemham acusações a particulares ou relativos à vida privada seja de quem for, não se publicam, reservando-se o direito à administração de A Batalha de recusar anúncios ou qualquer outra matéria paga quando, por motivo de ordem moral, entenda dever recusar.

A cargo do anunciante e imposto de selo, 2 centavos

Acceptam-se anúncios de todo o país, ilhas, colónias e estrangeiro.

## VEJAM TODAS

Botas quasi de graça

Grande saldo de botas em calf para homem a \$550

QUALIDADE GARANTIDA

JOÃO SALGADO OLIVEIRA

60 — Rua de Santo Antão — 64

# OPTIMO CAFE

Quilo \$80, EM PACOTES DE 125 E 250 GRAMAS

PERFUMARIAS — "MENNEN'S" — AMERICANAS —

Os melhores produtos de beleza conhecidos. Descontos aos revendedores

Rua Augusta, 70, 2.º — Telef. C. 1196

## OURO!!!

Mais barato e não se paga imposto — Só milagre!!! OURO

Compre na conhecida e acreditada casa Paiva & Braga.

Ha sempre grange sortido de cordões, correntes, anéis, alianças e mais objectos em 2.º mko renovados com pouco feito.

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12

Junto à Casa das Galoias TELEFONE 3676

Tuberculose, anemia, falta de forças e de apetite: Nucleo-calcina

Farmácia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18 Lisboa 476

# BATATA

Sã, de primeira qualidade, vendese, desde já, para entrega imediata, qualquer quantidade superior a 50 quilos. Descontos aos revendedores.

Rua Augusta, 229, 3.º, direito Guerra, Bandeira & Cunha

# "A BATALHA"

DIÁRIO OPERÁRIO DA MANHÃ

Redacção e administração CALÇADA DO COMBRO, 38-A-2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico — Talhaba — LISBOA

## ASSINATURAS

Pagamento rigorosamente adiantado

Lisboa: 1 mês, \$60 — Portugal, Ilhas, Colónias e Espanha, 3 meses, \$170; 6 meses, \$340; 1 ano, \$680. Territórios da União Postal: 6 meses, \$420; 1 ano, \$1040.

Não se aceitam pedidos de assinatura que não venham acompanhados da respectiva importância. — A despeza da cobrança que tiver de ser feita pelo correio é aumentada ao preço da assinatura

## ANÚNCIOS

Recebem-se, bem como reclamos, avisos, comunicados e qualquer outra publicação identica, aos preços da tabela, na administração da Batalha, nas agências Havas, Bastos & Gonçalves, Americana, etc.

Comunicados e anúncios, quando contemham acusações a particulares ou relativos à vida privada seja de quem for, não se publicam, reservando-se o direito à administração de A Batalha de recusar anúncios ou qualquer outra matéria paga quando, por motivo de ordem moral, entenda dever recusar.

A cargo do anunciante e imposto de selo, 2 centavos

Acceptam-se anúncios de todo o país, ilhas, colónias e estrangeiro.

## VEJAM TODAS

Botas quasi de graça

Grande saldo de botas em calf para homem a \$550

QUALIDADE GARANTIDA

JOÃO SALGADO OLIVEIRA

60 — Rua de Santo Antão — 64

# COMPANHIAS DE SEGUROS FRANCESAS

L'UNITÉ-L'UNIVERS-L'ILE DE FRANCE

Capital 17.000.000,00 francos (EM PREPARAÇÃO PARA PORTUGAL)

Representante: J. FORCADA